



Nietzsche e a experiência da gratidão (*Charis*) na poesia de Píndaro

Ricardo Pedroza Vieira¹

Resumo: O livro *The Age of Grace - Charis in Early Greek Poetry*, de Bonnie MachLachlan (1993), abriu um horizonte de interpretação da poesia grega arcaica centrado na experiência da *charis* (χάρις), termo cujo amplo campo semântico orbita as ideias básicas de graça, gratuidade e gratidão. Recentemente, publicamos (VIEIRA; ONELLEY, 2024) uma tradução e interpretação da *Segunda Ode Pítica* de Píndaro sob a perspectiva da centralidade desta experiência. O verso 72 desta ode (γένοι' οἷος ἔσσι μαθών) foi traduzido e popularizado por Nietzsche como “Werde, der du bist”, “Torna-te quem tu és” (ver p.ex. *Also Sprach Zarathustra*, IV, “Das Honig-Opfer”). Não obstante, uma leitura da nota póstuma NF 1881, 11[297] em paralelo com uma interpretação de Píndaro centrada na experiência da *charis* resulta em tamanha coincidência temática e argumentativa que nos permite reivindicar uma reconstrução dos pressupostos da leitura nietzscheana da poesia de Píndaro (e em especial do verso mencionado), determinando-os desde um interesse central na gratidão (*Dankbarkeit*) e seu papel ético e ontológico, ligado à criatividade. O presente trabalho pretende apresentar este paralelo como introdução à temática da gratidão no pensamento de Nietzsche.

Palavras-chave: Charis. Criatividade. Gratidão. Moral Nobre. Poesia Grega Arcaica.

Abstract: Bonnie MachLachlan's book, *The Age of Grace - Charis in Early Greek Poetry*, (1993), opened up a venue for the interpretation of the archaic Greek poetry, by centering on the experience of *charis* (χάρις), a term whose broad semantic field orbits the basic ideas of grace, gratuitousness, and gratitude. Recently, we published (VIEIRA; ONELLEY, 2024) a translation and interpretation of Pindar's *Second Pythian Ode* from the perspective of the centrality of this experience. Verse 72 of this ode (γένοι' οἷος ἔσσι μαθών) was translated and popularized by Nietzsche as “Werde, der du bist”, “Become who you are” (see, for example, *Also Sprach Zarathustra*, IV, “Das Honig-Opfer”). Nevertheless, a reading of the posthumous note NF 1881, 11[297], in parallel with an interpretation of Pindar centered on the experience of *charis*, results in such a thematic and argumentative coincidence that it allows us to claim a reconstruction of the assumptions of Nietzsche's reading of Pindar's poetry (and especially of the aforementioned verse), determining them from the standpoint of a central interest in gratitude (*Dankbarkeit*) and its ethical and ontological role, linked to creativity. This work intends to present this parallel as an introduction to the theme of gratitude in Nietzsche's thought.

Keywords: Charis. Creativity. Gratitude. Noble Morality. Archaic Greek Poetry.

¹ Professor de Filosofia do Colégio Pedro II. Doutorado, Mestrado, Licenciatura e Bacharelado em Filosofia pela UFRJ. Bacharelado em Letras (Língua e Literatura Grega) pela UFF. Pós-doutorado em Filosofia pela UFOP. Membro da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos (SBEC). Atuando principalmente nas seguintes áreas: História da Filosofia; Nietzsche; Fenomenologia; Ética; Metafísica; Poesia Grega Arcaica; Filosofia da Educação. E-mail: ricardopvieira@gmail.com. Endereço: Largo São Francisco de Paula, 1 - Centro, Rio de Janeiro - RJ. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4290-7407>

INTRODUÇÃO

O presente artigo, correspondente à comunicação homônima apresentada no V Seminário Internacional “Nietzsche nos Pampas” de 2025, tem por objetivo apresentar uma introdução à leitura que Nietzsche faz de Píndaro, o poeta grego do século V a.C., sob o ponto de vista de um dos temas centrais da poesia deste último: a *charis* (graça/gratidão).

Embora Píndaro tenha vivido em uma época de transição do período arcaico para o período clássico, caracterizada por Nietzsche como uma época de decadência dos valores aristocráticos originários da cultura grega em favor da ascensão do racionalismo socrático, o poeta é considerado um expoente dos valores e visão de mundo arcaicos. Nietzsche popularizou uma versão de um dos versos de Píndaro, encontrado na *Segunda Ode Pítica*: “werde, der du bist”, “torna-te quem tu és”. Essa frase aparece, por exemplo, em *Assim Falou Zarathustra* (IV, “Mel”), e o subtítulo de *Ecce Homo* alude a ela, que também já fora objeto de alusão bem mais cedo, na *III Consideração Intempestiva: Schopenhauer Educador*. Nietzsche, o professor de grego e filólogo, desde cedo considera a transformação ocorrida na Grécia Antiga com a ascensão do socratismo como uma perda de força criadora, um processo de decadência que determinaria toda a história subsequente de formação e desenvolvimento do Ocidente². O esforço por pensar os poetas arcaicos e compreender mais a fundo em que consistia sua visão de mundo aristocrática se articula com o projeto de empreender uma superação dessa decadência. Assim, pretende-se demonstrar neste trabalho que, ao ler Píndaro, Nietzsche tem em vista como tema central a experiência da gratidão como determinante do caráter do tipo nobre, o aristocrata antigo. A perda dessa experiência, da capacidade de compreendê-la e cultivá-la, é um elemento central do processo de decadência subsequente.

O livro de Bonnie MachLachlan, *The Age of Grace - Charis in Early Greek Poetry* (1993), é uma de nossas principais referências para situar e compreender a importância da gratidão na cultura grega arcaica. A palavra *charis* indica um amplo campo semântico, que abrange não apenas o sentimento de gratidão, mas as ideias de graça, doação, favor, e outros fenômenos relacionados. Aparece com destaque em toda a literatura grega, de Homero a Eurípides, embora sofrendo variações de sentido³. Aparece também na religião grega, uma vez que a personificação da *charis* são as três deusas, chamadas as três *Charites*, em português as três Graças: *Thalia* (Festa), *Euphrosyne* (Alegria) e *Aglaia* (Triunfo). Essas deusas eram associadas a diversos fenômenos envolvendo transformação, criação e beleza, por exemplo: as fontes de água, a colheita, a cura de doenças, o amor (inclusive ligado à figura de Afrodite), a harmonia

2 Sobre isso, ver p.ex. *O Nascimento da Tragédia*, especialmente seções 13 a 15.

3 Como introdução ao valor deste termo na Grécia arcaica, valem alguns comentários de MachLachlan (1993): “(...) *charis* was a cardinal item in the moral system of the Greeks of the archaic and early classical age: It was the moral glue of their society, linking such other central moral ideas as *time*, *dike*, *themis*, *xenia*, and *aidos*.” (p.147); “*Charis*, which adhered to the rules of *dike*, brought people together; *hybris* divided them. Apollo carried the lyre, which was a ‘possession operating according to *dike*’ (Pyth. 1.2). He also carried a bow, with which he defeated the giants and their *hybris* (Pyth. 8.11-12, 17-18). (MACHLACHLAN, 1993, p. 118)..

que rejeita a *hybris* (a arrogância), e à própria poesia, sendo associadas também a Apolo⁴. Na *Odisseia* (IX, 5-11), Odisseu descreve a maior *charis*, a maior graça ou experiência de gratidão, como aquela de participar de um banquete com amigos, cantando belos poemas. Píndaro, por sua vez, evoca as *Charites* como as principais deusas inspiradoras de sua poesia, com destaque maior até mesmo que as Musas⁵. Um outro importante poeta grego arcaico, Teógnis de Mégara, que é paradigmático para a caracterização da ética grega arcaica, associa diretamente o caráter do nobre, o *agathos*, à observação fiel à *charis*, por contraste ao caráter do vulgar, o *kakós*, que é ingrato e mesquinho⁶. Essa mesma ideia ética básica transparece também em Píndaro⁷. Assim, a *charis* é uma noção que oscila entre a dimensão ontológica e a ética, ora designando uma perspectiva religiosa sobre a realidade em sua totalidade, ora designando uma atitude a ser cultivada pelos seres humanos a fim de se manterem sintonizados com aquela perspectiva ontológica e por ela orientados em suas ações.

1 A CHARIS NA POESIA DE PÍNDARO

Vejamos com mais detalhes como aparece a *charis* em Píndaro. Na *Nona Ode Olímpica* de Píndaro, lemos (vv. 27-29):

4 Em algumas versões antigas, “The *Charites* were identified as water nymphs (Hes. Astron. 291) and were connected with springs (Callim. fr. 740, Servius ad Aen. 1.720, Plut. Mor. 301a-c). (MACHLACHLAN, 1993, p. 44). Também se ligam a festividades da colheita: “Flourishing life is cause for celebration, and *thaliai* is the word used to indicate festivity. Hesiod introduces the *Charites* as living with the *Muses* on Olympus amid ‘festivity’ (*thaliai*, Theog. 65). Together, the *Muses* celebrate the reign of Zeus, when the powers of disorder have been vanquished.” (Idem, p. 39). Também se destaca sua conexão com o amor, a harmonia e a cura: “In literature as in cult, the *Charites* were associated with Aphrodite and Eros. When the accent was on conferring harmony and concord, they were associated with *Peitho*. (...) Among the other sweet gifts for which the *Charites* were worshiped was the gift of healing. (...) Human health is a natural extension of the health of vegetation, and these Epidaurian *Charites*, one of whom was named *Auxesia* (Growth), were credited with restoring crops that had been failing (Hdt. 5.82).” (Idem, p. 45). Por fim, “Antimachus connected the *Charites* with light, describing them as ‘daughters of Helios and Aigle’ (fr. 95W). Hesychius glosses this genealogy with the explanation ‘because the *Charites* ought to be bright, radiant.’ Linguistic equivalents of *charis* and the *Charites* in other Indo-European languages possess as their primary meaning ‘light’ (not ‘pleasure’), and as a result scholars have been led to make similar claims on behalf of the Greek words. The association between experiencing joy and feeling radiant is a common one.” (Idem, p. 52)

5 Cf. Janke (2005) e vv. 2-12 da *Décima Quarta Ode Olímpica*.

6 Relacionando esses termos à *charis*, Maclachlan afirma que: “On the other hand, the behavior of the vile and worthless people (the *kakoi* or the *deiloi*) is sterile; these individuals have a memory only for offenses committed, not for kindnesses.” (MACHLACHAN, 1993, p. 78). Quanto à tendência de se entender essa oposição mais como político-ideológica do que ética, Nagy (1985) afirma que Teógnis “is no one-sided champion of the elite as represented by an oligarchy” (NAGY, 1985, p. 44) e preocupa-se mais com “an ethical characterization of upper classes debased by greed, in terms that suit a sociopolitical characterization of lower classes debased by poverty.” (p. 45). A política, então, estaria subordinada à ética no seguinte sentido: “The exponent of *hubris* may shift from oligarch to tyrant to democrat, but one thing remains constant in the poetry of Theognis: the poet himself is always an exponent of *dike*. And he is thereby always an opponent of *hubris*. (NAGY, 1985, p. 51)”.

7 “Pindar, as praise-poet, was an instrument of the divine *Charites* in making the life of mortals ‘gentle’ (cf. the poet’s ‘gentle *Charites*’ of Isth. 3.7). He rescues them from their shadowy existence and the harsh vicissitudes of fate. ‘Never let the pure light of the singing *Charites* leave me,’ Pindar says (Pyth. 9.89-90). (MACHLACHLAN, 1993, p. 115).

ἐξαίρετον Χαρίτων νέμομαι κᾶπον: κεῖναι γὰρ ὥπασαν τὰ τέρπν':
ἀγαθοὶ δὲ καὶ σοφοὶ κατὰ δαίμον' ἄνδρες ἐγένοντ'

O consagrado jardim das Graças eu lavro, Pois elas são as portadoras de toda a alegria: em nobres e sábios através de sua inspiração os homens são transformados.⁸

Estes versos traçam uma relação direta entre *charis*, nobreza e sabedoria, em que a primeira é condição das duas últimas. Assim, a poesia de Píndaro é um serviço religioso. É lavrar o jardim das Graças, labutar para cultivar as alegrias que elas nomeiam. Apenas através da inspiração proveniente delas [*kata daimon*] pode alguém se tornar nobre [*agathos*] e sábio [*sophos*]. Este poder transformador pode ser determinado mais diretamente através da análise de um poema cujo tema principal é *charis* como uma diretriz ética: a *Segunda Ode Pítica*. Este poema, cercado de controvérsias filológicas, foi endereçado a Hierão de Siracusa, um dos nobres gregos mais poderosos da época. É um elogio, não apenas de suas vitórias nos Jogos Píticos, mas de seu caráter e conquistas no geral. Os nobres costumavam encomendar poemas deste tipo. Fränkel acrescenta sobre as odes de vitória de Píndaro: “Mas o poema é mais do que a oferta real de um serviço; é um presente de amizade (χάρις).” (FRÄNKEL, 1973, p. 431). Também é importante notar que: “A troca do poema por um pagamento não pertencia ao mundo do comércio, mas a toda a filosofia do ‘amigo-hóspede’. (...)” (FRÄNKEL, 1973, p. 432). Portanto, é um anacronismo pensar na encomenda de um poema na época arcaica sob uma ótica burguesa moderna. Não se trata de um serviço de propaganda, calculado para produzir uma imagem artificial de um líder político, mas de um poema sincero, cujo pagamento constitui uma troca de presentes entre iguais.

Em que consiste o conteúdo da *Segunda Ode Pítica*? Na primeira parte do poema (vv. 13-56), há uma longa referência ao mito de Íxion. Este é um modelo negativo de comportamento. Íxion, um mítico rei tessálio de tempos imemoriais, recusou-se a pagar o dote por sua esposa e emboscou seu sogro, assassinando-o. Quando Zeus, apiedando-se de sua loucura, pretende curá-lo, ele responde tentando seduzir Hera, a deusa do casamento e esposa de Zeus. Uma nuvem mágica semelhante a Hera é enviada a Íxion em seu lugar, e a subsequente união dá à luz o Centauro, um monstro famoso por violência sexual e por sequestrar noivas. Em seguida, Zeus torna Íxion imortal e o prende a uma roda destinada a girar para sempre, enquanto ele lamenta sua própria ingratidão. O tema do mito é a quebra da gratidão, que é retratada através da instância particular do casamento. O casamento é entendido como uma troca de presentes⁹. A conduta correta em relação a um presente é responder com generosidade. Explorar a boa vontade de quem dá é o extremo oposto disso. Píndaro sintetizou o mito em uma *gnome* (v. 17): “ἄγει δὲ χάρις φίλων ποί τινος ἀντὶ

8 Todas as traduções de Píndaro neste artigo são de responsabilidade do autor, e tomam por base o texto grego estabelecido por Race (PINDAR, 1997).

9 A conexão entre *charis*, casamento e erotismo é especialmente explorada por Detienne: “*Charis* is a complex and variable thing: it covers the flashing light of the eyes, the shining beauty of a body and the allure emanating from a desirable being, as well as a woman giving herself in response to a man’s desire, in the context of marriage.” (DETIENNE, 1994, p. 87)

ἔργων ὀπιζομένα” (“a gratidão é o guia para se ter consideração com os feitos amigáveis de alguém”). Este verso lembra a Hierão que, ao contrário de Íxion, ele compreende *charis* e seu significado ético. No entanto, pode-se desviar do caminho da nobreza sob a influência de bajuladores mal-intencionados. Estes são tipicamente os maus poetas, como Arquíloco, mencionado nos versos 52-56, logo após as referências a Íxion. O bom poeta, por outro lado, é como um amigo que encoraja a justiça e a nobreza, e envia sua poesia, não como bajulação, mas como um presente em si. Este tema, situado neste contexto, fortalece a hipótese de Bowra (1937) de que a *Segunda Ode Pítica* foi escrita em meio a alguma tensão no relacionamento pessoal de Píndaro com Hierão, cuja corte tê-lo-ia influenciado contra Píndaro. No entanto, a mensagem ética do poema permanece universal. Isto é evidenciado por outra *gnome* (v. 32): “χρὴ δὲ κατ’ αὐτὸν αἰεὶ παντός ὁρᾶν μέτρον.” (“É necessário a cada um sempre considerar tudo de acordo com a medida que o constitui”). Píndaro delicadamente deseja encorajar Hierão a permanecer no caminho de respeitar a *charis* por toda a sua vida, evitando as tentações da *hybris*, arrogância, porque *charis* é o cerne do ser do nobre.

Este é o contexto no qual, ao final do poema, emerge o famoso verso 72: “γένοι’ οἷός ἐσσι μαθὼν” (“torna-te quem tu és aprendendo”). De acordo com nossa interpretação, significa: não esqueças a lição fundamental da *charis* que é o cerne do teu caráter. Mantenha essa memória viva, não meramente lembrando eventos anteriores, mas aprendendo a ser grato e generoso repetidamente, recuperando a força criativa da gratidão mesmo diante da dificuldade ou tentações. Tornar-se (*genoi’*), flexionado no cuidadoso modo optativo em vez do imperativo, tem neste contexto um sentido de esperar pela persistência do interlocutor em um exercício, uma prática, e também uma demonstração pública. Este é um significado pré-platônico do termo, anterior à oposição lógica entre ser como permanência e tornar-se como mudança¹⁰. Não é um imperativo para observar uma regra genérica vinda de fora, mas um encorajamento para salvaguardar a medida em seu interior. O ser de alguém requer exercício para permanecer real e sustentar sua excelência (*essí*). Aprender (*mathon*) significa, portanto, lembrar e conhecer ativamente através da força da ação habitual. O assunto a ser aprendido é o próprio ser, cujo cerne é a *charis*, que demanda prática e renovação. Neste sentido, o contraste entre os verbos da frase é um jogo poético com os aspectos verbais referentes a um único processo. *Genoi’* sendo inceptivo, *essi* sendo durativo, e *mathon* sendo habitual em aspecto, mas todos referindo-se à constante recriação do caráter de alguém através da *charis*. Pode-se acrescentar que a flexão no aoristo de *mathon* também carrega o aspecto da totalidade de uma ação (Emde Boas et al., 2019, p. 406), o que neste caso significa a totalidade da habitualidade marcada semanticamente na palavra. Desta forma, o verso 72 encapsula, na mais extrema síntese, toda a complexidade do desenvolvimento da gratidão através do tempo. Este desenvolvimento deve ser sustentado completamente até o final da vida para que a nobreza de caráter seja confirmada. É por isso que o verso 72 é seguido imediatamente por uma menção a Radamantis, o mítico juiz dos mortos, em seguida à qual o poema em breve termina. Isto também ecoa um pensamento famosamente declarado por Sólon, outro importante poeta grego arcaico, considerado um dos sete Sábios da Grécia. Conforme narrado por

10 Cf. Péron (1997).

Heródoto em suas *Histórias* (I, 30-33), e discutido por Aristóteles na *Ética a Nicômaco* (I, 10), a ideia é que não é possível confirmar se alguém foi verdadeiramente feliz até que sua vida tenha se completado. Portanto, para Píndaro, o principal significado de *charis* é a gratidão como a experiência religiosa mais fundamental, cujo cultivo ao longo da vida sustenta um caráter piedoso e ético¹¹. Ciente disso, Nietzsche indica a gratidão como a principal característica da religiosidade grega antiga (*Além do Bem e do Mal*, 49).

2 A LEITURA NIETZSCHIANA DE PÍNDARO

Nietzsche alude ao verso 72 da *Segunda Ode Pítica* em um aforismo de *A Gaia Ciência*: “O que diz tua consciência?- ‘Tu deves tornar-te quem tu és.’” (270). Comparando-o ao contexto original do poema, podemos interpretar: o tipo nobre tem um modo distinto de consciência moral, que reclama um tipo distinto de dever moral (*du sollst*). A consciência moral nobre é a voz do instinto dominante de alguém (*Genealogia da Moral*, II, 2-3), sua moralidade é a da autoafirmação (*Genealogia da Moral*, I, 10)¹². O afeto dominante aqui não é a culpa, mas a gratidão: “tornar-se quem se é” é um convite a se esforçar para salvaguardar as alegrias mais íntimas, os momentos mais significativos e transformadores da própria vida como presentes. Isto é afirmado mais explicitamente na seguinte nota:

Torna-te mais e mais quem tu és - professor e educador de ti mesmo! (Werde fort und fort, der, der du bist — der Lehrer und Bildner deiner selbst!) Tu não és um escritor, tu escreves apenas para ti mesmo. Assim poderás resguardar a memória dos teus bons momentos e encontrar sua conexão, a corrente dourada do teu próprio. (die goldne Kette deines Selbst!). Assim te prepararás para o momento em que precisarás falar! Talvez então te sentirás tímido para falar, tal como tens sentido timidez ao escrever, pois isso ainda é necessário para que interpretes a ti mesmo, uma vez que ações e inações não são suficientes para comunicar teu próprio. Sim, queres comunicar-te! (...) (Nachlass 1881, 11 [297])¹³

A primeira linha da nota é uma versão do verso de Píndaro. Ela desdobra premissas que não são ditas nas versões mais curtas usualmente apresentadas por Nietzsche. Primeiramente, depois de tornar-se (*werde*), acrescenta: “fort und fort”, mais e mais, indicando um movimento cíclico. Em seguida, acrescenta: “der Lehrer und Bildner deiner selbst!”, sendo o professor e educador de ti mesmo. Esta expressão aborda o *mathon* de Píndaro. Significa um processo autodidata de aprendizado. O resto da nota explica: “Tornar-se quem se é” significa um processo contínuo de auto-educação através do qual os bons momentos [*gute Augenblicke*]

11 Esta interpretação e tradução do poema de Píndaro segue nosso trabalho anterior, no qual se podem encontrar maiores detalhes a seu respeito (VIEIRA; ONELLEY, 2024).

12 Fundamentando e desdobrando essas afirmações sobre este conceito, há um estudo específico do autor (VIEIRA, 2025).

13 Tradução nossa, tomando por base o texto alemão da KGW.

da vida se tornam um nexo [*Zusammenhang*], que é a corrente dourada do si-mesmo mais próprio [*die goldne Kette deines Selbst*]. Isto parece ser, em geral, a maneira como o si-mesmo (em certo sentido da palavra) pode vir a ser. Certamente este termo não equivale ao eu naquele sentido substancialista que Nietzsche critica em vários textos¹⁴. Esta nota está aparentada com a proclamação de Zaratustra de um sentido diferente para o si-mesmo, que guia o devir de alguém (*Assim Falou Zaratustra*, I, “Desprezadores”). O si-mesmo de alguém é o processo de sua própria história. O si-mesmo é criado ao longo do tempo, na medida da capacidade de alguém de estar à altura das melhores coisas com as quais foi singularmente agraciado, a própria singularidade de sua vida. A singularidade da experiência de alguém é uma fonte de orientação para o devir. O núcleo de significado da nota refere-se a este devir como pertencente à experiência humana em geral, mas também tem elementos que referem-se especificamente à própria vida de Nietzsche como um escritor, um criador de textos. Assim como Píndaro reivindicou as deusas da *charis* como as patronas de sua criação poética, Nietzsche, referenciando o verso de Píndaro, reivindica o cultivo da memória de seus bons momentos como as fontes de sua própria criação. Este tipo particular de memória não está focado em fatos considerados abstratamente, mas na *charis* como o afeto criativo que guia a singularidade. Ela age como um tipo de consciência moral, projetando a autocriação do si-mesmo próprio. É por isso que Nietzsche acrescenta que a necessidade de criação é uma necessidade de comunicação [*mittheilen*], mas não com os outros. Ele escreve para si mesmo [*du schreibst nur für dich*], para ser capaz de interpretar a si mesmo [*es noch nöthig ist, sich zu interpretiren*], porque ações [*Handlungen*] no sentido estrito, em contraste com falar e escrever, para ele não são suficientes. Portanto, escrever é o tipo particular de ação (em um sentido amplo) que Nietzsche requer de si mesmo para interpretar quem ele mesmo é. Ele aprende quem é tornando-se quem é através da criação, e isso é um ato de gratidão por seus próprios melhores momentos, um movimento circular que faz esses momentos exercerem seu poder repetida e repetidamente e se conectarem em uma corrente. Assim, a nota de Nietzsche é uma interpretação coerente e uma apropriação filosófica do verso de Píndaro. Torna-se claro que a *Segunda Ode Pítica* de Píndaro é profundamente influente na formação da própria filosofia de Nietzsche, e é por ele interpretada como fonte de inspiração para pensar as relações entre ser e devir, a constituição do si-mesmo através do tempo e o papel de diferentes tipos de memória e de afeto na orientação ética. Todas essas questões podem ser sintetizadas em sua origem no problema de compreender e interpretar o sentido arcaico da gratidão e sua relação com o tipo nobre.

CONCLUSÃO

O presente artigo estabeleceu uma interpretação da poesia de Píndaro, e em especial de sua *Segunda Ode Pítica*, tomando como eixo central o tema da *charis* (graça/gratidão). Demonstrou-se, ao final, que essa chave de leitura se encontra em Nietzsche, na nota póstuma NF 1881, 11[297], embora a nota seja relativamente lacônica. Sob esse ponto de vista, contudo, é possível ler Píndaro e Nietzsche em um paralelismo que permite que os textos

14 E.g. *Nachlass* 1885, 40[22]; *Crepúsculo dos Ídolos*, “Razão”, 5; *Além do Bem e do Mal*, 54.

do poeta e do filósofo se esclareçam mutuamente. Além disso, ganha-se evidência decisiva de que o tema da *charis* perpassa o pensamento de Nietzsche de forma subterrânea, frequentemente calada e indicada apenas sutilmente. Esse tema está no núcleo da elaboração do conceito de Moral Nobre e da consideração de Nietzsche a respeito da Grécia Antiga, em particular quanto ao referencial positivo a partir do qual se poderá pensar o socratismo como um processo de decadência. Por essas razões, o tema da gratidão no pensamento de Nietzsche se revela, por fim, como um tema fundamental de seu pensamento, estendendo suas implicações e desdobramentos por toda a dimensão ontológica, epistemológica e ética da obra deste filósofo.

REFERÊNCIAS

- ARISTOTLE. *Nicomachean Ethics*, Trans. H. Rackham, Cambridge, 1934.
- BOWRA, C. "Pindar, Pythian II". In: *Harvard Studies in Classical Philology*, 48 (1937), 1-28.
- DETENNE, M. *The Gardens of Adonis: Spices in Greek Mythology*. Trans. Janet Lloyd, Princeton, 1994.
- EMDE BOAS ET AL.. *Cambridge Grammar of Classical Greek*, Cambridge, 2019.
- FRÄNKEL, H. *Early Greek Poetry and Philosophy*. Trans. Moses Hadas and James Willis, Oxford, 1973.
- HOMER. *The Odyssey*, Trans. A.T. Murray, Cambridge, 1919.
- HERODOTUS. *Histories*. Trans. A. D. Godley, Cambridge, 1920.
- JANKE, W. *Archaischer Gesang: Pindar, Hölderlin, Rilke: Werke und Wahrheit*. Würzburg, 2005.
- MACHLACHLAN, B. *The Age of Grace - Charis in Early Greek Poetry*. Princeton, 1993.
- NAGY, G. "Theognis and Megara: A Poet's Vision of His City". In: Nagy, G.; Figueira, J. (ed.). *Theognis of Megara: Poetry and the Polis*. Baltimore, 1985.
- NIETZSCHE, F. *Digital critical edition of the complete works and letters*, ed. Colli, G.; Montinari, M.; D'Iorio, P., Berlin/New York, 1967-.
- PÉRON, J. "Pindare et Hierón dans la Ile Pythique (vv. 56 et 72)". *Revue des Études Grecques*, 87, 1-32, 1974.
- PINDAR. *Olympian Odes. Pythian Odes*, ed. and trans. William Race, Cambridge, 1997.
- VIEIRA, R.; ONELLEY, G. "Τένοι' οἶος ἐσσι μαθών na Pítica 2 de Píndaro: uma proposta de tradução e análise". In: *Calíope - Presença Clássica* 2023 (45), 4-35, 2024.
- VIEIRA, R. "Conscience and Will to Power: A Phenomenological Reconstruction". In: *Revista Kriterion*, 66 (160), 2025.

Artigo Submetido em 15/09/2025 e aprovado em 22/09/2025

Breves informações sobre o autor: Professor de Filosofia do Colégio Pedro II. Doutorado, Mestrado, Licenciatura e Bacharelado em Filosofia pela UFRJ. Bacharelado em Letras (Língua e Literatura Grega) pela UFF. Pós-doutorado em Filosofia pela UFOP. Membro da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos (SBEC). Atuando

principalmente nas seguintes áreas: História da Filosofia; Nietzsche; Fenomenologia; Ética; Metafísica; Poesia Grega Arcaica; Filosofia da Educação.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4290-7407>

E-mail: ricardopvieira@gmail.com

Endereço: Largo São Francisco de Paula, 1 - Centro, Rio de Janeiro - RJ

Editor: Dr. Geraldo Luiz De Mori

Avaliadores: Kelly de Fátima Castilho, Francisco Alvarenga Junnior